

# A ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE HOMENS E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Antônio de Pádua Carvalho Lopes

Universidade Federal do Piauí

Eixo 4- Gênero

É significativo, para o estudo da masculinidade, que a escrita autobiográfica no Piauí tenha se desenvolvido especialmente como uma escrita feita por homens. Sinal de que a prática de escrever sobre si e suas experiências, numa exposição de sua trajetória, era indício de importância pública de sua posição no mundo. Quem eram esses homens que falavam de si e exerciam a prática da escrituração de sua vivência? Que lugar essa prática escriturística tinha na sociedade piauiense? O que ela pode nos informar sobre a construção das masculinidades? O que ela pode nos informar para a escrita da história da educação piauiense?

Para o levantamento do corpus deste estudo considerou-se autobiográfico os escritos nos quais os sujeitos falam de si, construindo um texto em que sua trajetória de vida é o elemento central, mesmo que tangencialmente abordem temas outros. Utilizamos como critério para definição do *corpus* o estabelecido por Lejeune (1994) para a autobiografia (identidade entre autor, narrador e protagonista), embora, como afirmam Bruner e Weser (1995, p. 143), “[...] os gêneros existam não só como modo de escrever e falar, mas também como de ler e ouvir [...]”, o que pode ampliar os limites postos pela definição de Lejeune.

De um total de 33 textos autobiográficos levantados pelo presente estudo, 28 são escritos por homens e 5 por mulheres. Isso indica uma relevante prática de escrita desse gênero de texto por homens e o acesso dos mesmos aos meios de publicização de seus escritos, o que pode estar relacionado com o modo como os homens se apropriaram dos espaços literários no Piauí e a relação deles com o espaço público.

O *corpus* foi escrito, essencialmente, no decorrer do século XX, o recorte histórico deste estudo tendo sido definido, considerando a primeira edição dos textos, nos anos de 1939 a 2005. Esses escritos são lidos, reconhecendo-se, como coloca Larrosa (2004), que há uma estreita relação entre sujeito e narração. Buscou-se sua materialidade, através da análise dos suportes da escrita, e seu conteúdo, procurando perceber nessas escritas sua potencialidade para a pesquisa na História da Educação e o modo como os modelos de masculinidade se constituíram na experiência dos narradores.

Interessa-nos, especialmente, analisar as possibilidades do uso deste acervo para a escrita da História da Educação, relacionando essas escritas de autoria masculina com modelos de masculinidades. Devemos, contudo, destacar que, na perspectiva dos estudos sobre gênero, como afirma Viñao (2000), o estudo desse tipo de escrita tenha sido importante, especialmente, para revelar as vozes e as experiências femininas. É preciso reconhecer, também, como afirmam Catani, Bueno, Sousa e Souza (1997), que o lugar social, possibilitador de experiências e trajetórias de vida do masculino e do feminino, constroem tipos de memórias diferenciadas.

Para Connell (1995), por sua historicidade, o gênero é aberto à transformação histórica. Segundo Connell (1995, p. 188), “[...] a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens nas estruturas das relações de gênero”. Haveria, assim, masculinidades. Desse modo, o uso da categoria gramsciana de hegemonia é importante para a compreensão dessa pluralidade de masculinidades e o modo como uma se impõe às outras. Assim, segundo Almeida (1995, p. 155), a masculinidade hegemônica tem a “[...] capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde na realidade a muito poucos homens [...]”. As masculinidades convivem, pois, em disputa em um espaço social, havendo a tentativa do modelo hegemônico de masculinidade de subjugar as outras masculinidades.

O estudo do masculino tem despertado, nos últimos anos, o interesse de pesquisadores que pesquisam a história do Piauí. Trabalhos relacionados à constituição da docência como espaço constituído historicamente pouco ocupado pelo masculino foram objeto de estudo de Lopes (2004) e Abreu (2003). Além desses trabalhos, tem-se o de Castelo Branco (2005), que procura compreender a prática discursiva dos literatos nas primeiras décadas do século XX.

### **A prática da escrita autobiográfica no Piauí**

Compreendendo um marco temporal longo da história do Piauí, percebemos a prática da escrita autobiografia como um modo de publicizar, responder a críticas ao autor ou informar para os membros mais jovens do grupo familiar a história de uma vida. A motivação para a escrita autobiográfica apresentada como um relato da vida a parentes e amigos pode ser ilustrada com a afirmação de Mello (1976, p. 13):

[...] viso somente atender o desejo que há muito me veio, de legar, especialmente a meus filhos, genros, nora, netos e bisnetos, e a alguns amigos e conterrâneos, a narração verdadeira dos principais fatos havidos comigo ao longo dos dias que vivi, desde os mais longínquos que a mente me permite alcançar.

O desejo de um público leitor mais restrito não significa que a narração não visasse um público maior, pois a definição de si do autor se dá pelas funções que ocupou (médico, professor, político e governador). Essa condição faz, inclusive, o autor imaginar que seu trabalho seja de interesse para os historiadores piauienses, como fonte sobre acontecimentos e homens dos períodos presentes na narração da vida feita por ele.

Mello (1976), de modo indireto, também deseja que sua narração constitua uma espécie de contraste ao muito que dele se falou quando de sua gestão como governador (1937-1945). Desse modo, nas motivações de sua escrita autobiográfica, cruzam-se diferentes origens para a realização da mesma e a relevância que ela parece ter pelas funções públicas exercidas pelo autor.

A decisão de falar de si, contudo, não é uma escrita que se faça sem que se justifique o ato como algo não narcisista. Vários momentos dos textos visam falar da necessidade da contenção da exibição meramente narcisística e da dificuldade de lidar com essa escrita. Exemplifica isso Palha Dias (1997, p. 13), quando diz: “Nos meus escritos, até aqui, nunca havia decidido escrever na primeira pessoa. Não gosto de assim expressar-me. Porém, no caso em cogitação, como falar de mim mesmo sem valer-me de tão pernóstico expediente?”.

Um propósito marcante, também, é o de, descentrando-se de si, propor a escrita como uma escrita centrada no povo e na cidade, tendo a memória como suporte para falar deles. Faz isso Duarte (1995, p. 17), quando afirma:

Não tive a intenção de escrever a história de Picos, nem mesmo a do período a que se refere este livro; tampouco pretendi escrever um livro de memórias, tendo sido constante a minha preocupação em fazer da cidade e do seu povo o centro das minhas atenções. Nas passagens em que externei o meu ponto de vista ou emiti opiniões, a minha intenção era suscitar o estudo de temas que considero de interesse intelectual e memorialístico.

Uma autobiografia é escrita, também, com a intenção de que a mesma sirva de reflexão para outros e que a vida narrada contenha elementos de comparação para

situações existenciais dos prováveis leitores. Campos (1941, p. 8), ao justificar seu livro, diz:

[...] escrevo a história da minha vida não porque se trate de mim; mas porque ela constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie. Os vícios que a afeiam, os erros que a singularizam e que proclamo com inteira tranqüilidade de alma, os rochedos, em suma, em que bati, mesmo esses me foram proveitosos, e sê-lo-ão, talvez, aos que me lerem. Conhecendo-os, saberão aqueles que vierem depois de mim, que devem evitá-los, fugindo aos perigos que enfrentei, e, conseqüentemente, procurando, na viagem, caminhos mais limpos e seguros.

Do levantamento realizado de autobiografias, podemos perceber, como motivações principais explicitadas, as que estão acima indicadas. A escrita autobiográfica no Piauí constituiu, assim, prática que se justifica pela dimensão pública da atividade profissional do autor e, portanto, a masculinidade que tem nesta dimensão um aspecto relevante de sua constituição.

Falando de si mesmo, evoca-se a atividade exercida, que constitui parte importante da definição do que se é. Melo (1956, p. 3) diz, logo no primeiro parágrafo de seu livro: “[...] toda minha vida pública foi circunscrita a dois setores: a política e a magistratura. Incidentalmente exerci o ministério público, a Administração dos Correios do meu Estado e só acidentalmente o magistério particular e a advocacia”.

Isso se relaciona com a dimensão pública da construção da identidade masculina e aparece nas memórias justificando a importância da escrita das mesmas. Pois o que o autor expõe é algo de interesse geral do qual ele foi “testemunha ocular” ou “personagem central”. Isso, como afirma Furtado (1990) em relação a seu livro, é uma forte motivação para a decisão de escrever autobiografia. Portanto, na prática deste tipo de escrita cruza-se a identidade masculina e a relevância da ação do autor no espaço público, parecendo ao autor do relato autobiográfico estar tratando de algo que não se reduz meramente a sua existência pessoal, mas que pode servir, inclusive, para a construção de uma história da cidade ou do Piauí que considere a visão do autor, considerado como um sujeito importante dessa história.

Tradicionalmente, no relato autobiográfico encontramos “[...] a tentativa de representação de um sujeito pleno, aquele forjado pelo modelo ocidental: homem, branco, burguês” (PÉRPETUA, 1997, p. 169) e pela “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2000). No entanto, como a vida narrada no livro autobiográfico, podemos encontrar desarmonias,

porque, como diz Silva (1988, p. 9), “harmoniosa não tem sido nossa vida”. Sendo a vida “um combate”, seu relato é educativo porque trata-se de pensar a experiência e

[...] aprendermos que o bom êxito ou o fracasso em todo e qualquer intento ou ideal da nossa vida está em nós mesmos, em nossas inadvertências, em nossas paixões e falta de senso, palmilhando por caminhos errados e não ouvindo bem a voz da consciência – o conselheiro mais certo e ajuizado do homem. (SILVA, 1988, p. 10).

A escrita autobiográfica é, pois, um momento para pensar a si, seu lugar social e sua relação com os outros, bem como sua época, e servir aos leitores, pela exposição efetivada, como suporte para a reflexão sobre sua própria caminhada. Relatos de vivências e experiências (JOSSO, 2004) se cruzam nessas autobiografias.

### **As autobiografias escritas por homens como fonte para o estudo de masculinidades**

No Piauí, há uma relação entre um certo tipo de masculinidade e a prática da escrita, que projeta os homens no espaço público através da obra editada e os faz partícipes das lides políticas através das disputas explicitadas nos jornais e da constituição da figura do literato. As polêmicas e querelas políticas parecem, inclusive, ser parte desse tipo de masculinidade.

O poder e a proximidade com ele revelam-se um traço marcante dessa masculinidade. Seus relatos autobiográficos estão marcados por essa relação com poder, seja pelo exercício do mesmo, seja por uma proximidade com ele, tornando-se isso um fator considerado relevante para a escrita de sua autobiografia. Desse modo, participe nas tramas do poder, freqüentador da “Copa e da Cozinha” dos Palácios oficiais, o masculino revela sua participação e construção nas tramas do poder, que as conversas e o freqüentar esses espaços acarretam (SILVA, 1988).

Poder econômico, político, social, prestígio e conquistas eróticas compõem essa masculinidade mais afeita às lides políticas no Piauí (SILVA, 1988). Escrita jornalística veemente e engajada nos interesses políticos de seus autores, com “[...] descomposturas, apelidos, chacotas, e até obscenidades no devassamento dos casos íntimos de alcova (SILVA, 1988, p. 33), faziam parte, também, da composição dessa masculinidade.

Conquistar parcerias sexuais é um ponto importante da masculinidade constituída próxima ao poder. A sedução do poder acrescenta a essa masculinidade predatória um elemento forte para seu exercício. “Quando o homem galga o poder, além

dos deveres específicos ele quer gozar a vida deleitando-se com o amor da mulher.” (SILVA, 1988, p. 51).

Uma outra masculinidade se forja a partir do trabalho como definidor da condição masculina: o trabalho como manutenção de si e dos seus. O casamento representa um acirramento dessas exigências, porque implica na construção e manutenção da casa. Nessa masculinidade, as marcas do provedor, sem que isso implique na desconsideração da importância de uma esposa prendada não somente para as lidas domésticas, mas para um trabalho que complemente renda, como diz Barbosa (1994, p.10) sobre seu casamento: “[...] mas foi preciso vender o cavalo para comprar uma máquina de costurar a fim da mulher ganhar para ajudar nas despesas. Foi um belo negócio que fiz pois minha mulher era boa modista. Arranjou boas freguesias e nunca mais faltou o dinheirinho da feira”.

Fazer serenatas, cantar e tocar também fazem parte do processo de constituição da masculinidade, como boêmia, conquista e diversão. Como diz Barbosa (1994, p. 8) “[...] naquele tempo eu era malandro, acostumado a fazer serenata para os amigos apaixonados [...]. Só cantava valsas apaixonadas e de vez enquanto tomava um gole de ‘cana catavento’” . A seresta fazia parte da composição dessa masculinidade, que, em grupo, declarava seu amor nas janelas da cidade. Como diz Rêgo (1988, p. 32):

Teresina sempre foi terra de seresteiros [...]. Parávamos sob a janela das namoradas para dedicar-lhes números especiais, tendo o cuidado de antes deixar afastado, em geral, nas calçadas vizinhas, o grosso da turma, pois eram muitos os que nos acompanhavam. Alguns deixavam as próprias casas ao ouvir os sons dolentes, a fim de se agregar aos seresteiros. O silêncio, entretanto, era imperioso.

Sociabilidades masculinas também aconteciam nos prostíbulos, bares e cafés da cidade. O Café Avenida é lembrado por Rêgo (1988, p. 58) como um desses espaços onde conversas sobre temas diversos aconteciam, podendo se prolongar até às 21 horas. Estas sociabilidades também se constituíam nos prostíbulos das cidades, espaços tantas vezes segregados, com ruas ou portos destinados a ele. Santos (1996, p. 41) lembra que “[...] Amarante tinha vida noturna intensa na área do meretrício. Havia prostíbulos com festas, bonitas mulheres, bem vestidas.” As margens dos rios pareciam ser espaços onde essas práticas se localizavam em algumas cidades. Araújo (2005, p. 21) assim se refere a Parnaíba: “[...] nas margens do Iguarçu, proliferavam os galpões, as quitandas e os bares, que à noite se transformavam nos cabarés, onde as mulheres (raparigas) ganhavam (ou

perdiam) a vida”. Espaços onde as disputas com forasteiros muitas vezes punham masculinidades em confronto, como relata Santos (1996, p. 41):

Mantinha casa noturna, a melhor da cidade, na região do Cai N’água, nome dado à região do meretrício, onde os porcos-d’água, homens que trabalhavam a bordo dos vapores e barcos, se reuniam, e quando começavam as brigas com os moradores da cidade e aparecia a polícia, eles caíam na água, nadando até chegarem em suas embarcações, onde a polícia não podia entrar.

A iniciação sexual também se encontra relatada nas autobiografias, sendo realizada pelas conversas com meninos velhos, que iniciam os mais novos em práticas de masturbação e relações sexuais com animais, como relata Rêgo (1985, p. 61):

Depois de cenas como as do cruzamento os meninos corriam direto ao riacho para a prática da masturbação coletiva. [...]. Durante o dia eram as masturbações na hora no banho em local ermo do riacho [...]. De noite, eram as visitas aos chiqueiros das cabras e das bezerras. Havia quem gostasse de jumenta, cadela e até galinha.

Criação de passarinhos, passeios em animais, subir em árvores, briga de galos e jogos de futebol vão forjando, conforme os escritos autobiográficos, masculinidades em diferentes épocas no Piauí, naquilo que se pode denominar a ocupação do tempo livre dos meninos, jovens e adultos. Araújo (2005, p. 30) relembra as brigas de galo em Parnaíba, em toda sua crueldade, e no envolvimento dos donos e dos apostadores na disputa. Brincadeiras de peteca, castanha, triângulo e pião, além da bola, do futebol de botão, dado e dama, sem esquecer a pipa e o cerol, bem como as caçadas e pescarias faziam parte do processo de formação dessas masculinidades não fixas e construídas e reconstruídas no escrito autobiográfico.

Masculinidades que são construídas e reconstruídas também numa relação com as idades. Como Barbosa (1994, p. 20) coloca em sua autobiografia: “[...] como é ruim deixar de ser professor para ser aluno, de mandar para ser mandado. [...]. É o peso de 74 anos que me faz esmorecer [...]. Fui menino, fui rapaz”. Cada etapa uma masculinidade se reconstruindo pela experiência do ser homem.

## **Os escritos autobiográficos e a História da Educação**

Espaço carregado de memória de formação, os escritos autobiográficos são importantes como fonte para a escrita da História da Educação. Comportando uma

dimensão da formação que extrapola o proporcionado pela educação formal, tornando-o uma dimensão dessa formação, os escritos autobiográficos podem nos ajudar a entender os processos de subjetivação masculina, pelo que neles há de vivências e experiências de masculinidades construídas e reconstruídas, como nos ajuda a compreender Connell (1995).

A História da Educação também pode utilizar esses relatos para compreender como a escola é percebida pelos estudantes a partir do que lembram e do que esquecem dela. Esses relatos ajudam a captar a voz de uma parcela significativa da escola que não costuma ser facilmente encontrada nos documentos escolares.

Lembranças de práticas escolares dificilmente encontradas em outras fontes, como os trotes aos calouros, lembrado por Garcia (2000, p. 35): “Os calouros sofriam nas mãos dos veteranos. Trotes impiedosos”. Trotes esses muitas vezes não aplicados pela resistência do calouro, redundando em brigas, como aconteceu a Palha Dias (1997, p. 58), quando da tentativa de seu “batismo” no Liceu Piauiense.

Lembranças de escola que nos ajudam a perceber como, do momento da escrita (presente), se reconstrói a idéia de qualidade da educação que aparece num misto de vivenciada e idealizada. Garcia (2000, p. 36) localiza esta nos professores: “o espírito do liceu estava nos seus professores”. Ou, ainda, como fala Viana ([19--], p.35): “[...] já não se leciona nem se estuda como antigamente. Que tempos proveitosos aqueles onde o aluno era obrigado a fazer provas dissertadas, com o tema escolhido na hora!”. Rigor na prova e estudante preparado nos conteúdos ensinados são entendidos como marcas de uma qualidade perdida pela escola.

Esses escritos ajudam, especialmente, na compreensão da história da profissão docente, da identidade docente e das escolas no Piauí, por colocarem práticas escolares, especialmente as de professores particulares, e caracterizarem as práticas docentes, os espaços escolares e o lugar do docente na trama dos grupos sociais da cidade.

Nesse sentido, esses escritos nos fornecem informações sobre o cotidiano escolar, constituindo várias passagens de memórias da vida escolar no Piauí e das práticas escolares recolocadas pelo prisma dos alunos.

Através dessas memórias é possível, ainda, se pensar as trajetórias escolares de parcelas das elites piauienses. Migrações, professores, modalidades de ajuda familiar, estratégias de escolarização, consumo de material escolar, mobilização de capital social para a consecução de projetos educacionais ou de inserção na docência são relatados nessas autobiografias.

Constituição de alianças nos espaços escolares, depois transmutadas para outros espaços são relatadas nas autobiografias, nos dando a pensar sobre o lugar da escola na constituição dessas tramas de sociabilidade e na constituição de um capital social importante na posterior vida profissional dos estudantes.

Disciplina e modalidades de castigos nas escolas também aparecem nessas autobiografias, ajudando a compreender esses processos no interior dos espaços escolares. Chaib (2000, p. 55) assim relembra os que sofreu: “Depois de muito apanhar de palmatória, de ajoelhar em carço de milho e ficar de castigo, no pavimento superior do Colégio Diocesano, com o livro na cara até aprender a lição [...]. E assim era a didática do ensino nos idos de 1934”.

Os escritos autobiográficos possibilitam, por fim, uma visão heterogênea da trama dos processos formativos e nos ajudam a repensar o processo de escolarização e as ações educativas a partir de diferentes olhares e experiências. Diversos sujeitos se cruzam nessas memórias fazendo-nos reconhecer a pluralidade do mundo e suas reconstruções.

## Referências

- ABREU, Jânio Jorge V. **Educação e Gênero: homens no magistério primário de Teresina**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2003.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ARAÚJO, Carlos Henriques de. **Sem lenço, sem documento: uma viagem inesquecível**. 2. ed. Teresina-PI: PiauíPel, 2005.
- BARBOSA, Chico. **Reminiscências**. Picos-PI: [s.n.], 1994.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. IN: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995.
- CAMPOS, Humberto de. **Memórias**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1941.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Masculinidades e escritas: a prática discursiva dos literatos e a construção da masculinidade em Teresina nas primeiras décadas do século XX. In: Simpósio Nacional de História, 23., 2005, Londrina, PR. **Anais eletrônicos...** Londrina-PR, UFL, 2005.
- CATANI, Denice Bárbara; BUENO, Belmira Oliveira; SOUSA, Cynthia Pereira de; SOUZA, M. Cecília C. C. Souza. História, memória e autobiografia na pesquisa e na formação. In: \_\_\_\_\_. **Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.
- CHAIB, Jorge Azar. **Viagem pelos caminhos do meu passado**. Teresina-PI, 2000.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, UFRS, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

- DUARTE, Renato. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife-PE: Gráfica Editora Nordeste, 2005.
- FURTADO, José da Rocha. **Memórias e depoimentos**. Teresina-PI: Academia Piauiense de Letras, 1990.
- GARCIA, José de Ribamar. **Imagens da Cidade Verde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Litteris, 2000.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: megazul-Endymion, 1994.
- LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Sobre frações de homem: magistério primário e masculinidade. In: PINHEIRO, Áurea Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides. **Cidade: história e memória**. Teresina-PI: EDUFPI, 2004.
- MELO, Mathias Olympio. **Rumos e atitudes**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1956.
- MELLO, Leônidas de Castro. **Trechos do meu caminho**. Teresina-PI: COMEPI, 1976.
- PALHA DIAS, William. **Memorial de um lutador obstinado**. Teresina-PI: COMEPI, 1997.
- PÉRPETUA, Elzira Divina. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, Maria Inês de (Org.). **Para que serve a escrita?** São Paulo: Educ, 1997.
- RÊGO, Raimundo de Moura. **As mamoranas estão florindo**. Teresina-PI: Projeto Petrônio Portela, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Notas fora da pauta**. Teresina-PI: Projeto Petrônio Portela, 1988.
- SANTOS, José Bruno dos. **Transpondo Barreiras**. Teresina-PI: COMEPI, 1996.
- SILVA, Cunha e. **Copa & Cozinha**. Teresina-PI: Projeto Petrônio Portela, 1988.
- VIANA, Melquisedeque. **Na velha Salamanca**. Teresina-PI, [19--].
- VIÑAO, Antônio. Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres. In: MENEZES, Maria C. (Org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.